



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de assinatura do
"Termo de autorização para a exploração do
serviço de telefonia fixo comutado para a
TeleNorte-Leste"*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE FEVEREIRO DE 1999

Senhor Vice-Presidente, Dr. Marco Maciel; Senhor Ministro Pimenta da Veiga; Senhor Presidente da Anatel, Renato Guerreiro; Senhores Conselheiros da Anatel; Senhor Louis Tangué, que representa a Canbrá; Senhores consorciados, tão numerosos; Senhoras e Senhores,

Dá prazer ver que se mantém a rotina, nesta sala de audiências, da assinatura de convênios e declarações de investimentos no Brasil. Na verdade, faz algum tempo que isso ocorre. Continua ocorrendo e continuará ocorrendo.

É isso que nos dá a certeza de um futuro mais promissor para este país, a despeito de eventuais turbulências. E como os brasileiros sabem, não sou dos que desanimam, não me deixo vencer nem pelo que eu chamo de "fracassomania", nem pelo pessimismo.

Quando alguma coisa mais complicada ocorre, os "fracassômanos" vibram. E, imediatamente, vêem o Presidente triste, perturbado, desanimado. Doce ilusão! Quem tem um povo como o nosso, um país como o nosso; quem tem a colaboração de investidores como os que nós temos; quem tem, realmente, a determinação de seguir adiante,

pensando sempre na melhor condição de vida do povo, não tem por que desanimar. Pelo contrário, nas horas difíceis, de adversidade, tem que buscar força nos sinais positivos como esse de hoje, aqui.

O Ministro Pimenta da Veiga disse que nós estamos completando aquilo que foi o sonho do Sérgio Motta e que, depois, foi continuado pelo Luiz Carlos Mendonça de Barros e, agora, pelo Pimenta da Veiga. E isso é verdade. O Sérgio, inúmeras vezes, me dizia que eu veria um momento em que os preços dos telefones iriam cair, em que as filas iriam desaparecer, e que, progressivamente, a qualidade dos serviços iria melhorar.

Ainda não melhorou, completamente, porque os investimentos estão em marcha. Mas os preços já caíram. O atendimento já é mais rápido. E nós estamos assistindo, aqui, à competição.

Isso foi muito importante, foram decisões difíceis, mas nós sempre nos pautamos pela idéia de que o monopólio privado não é melhor do que o monopólio público. O que é melhor do que o monopólio é a competição. E o que nós estamos fazendo, aqui, é encorajar a competição.

É muito importante, sobretudo nessa área tão ampla, que vai do Rio de Janeiro até lá, ao Amazonas, que haja, realmente, um serviço competitivo, para que a qualidade de atendimento seja melhor. E, certamente, que isso renda, também, os resultados esperados. E que esses resultados sejam para o proveito do País, da população, dos empregados e, naturalmente, dos que investem dinheiro aqui.

Alegra-me ver esse leque de investidores, incluindo o Canadá e outros países, como a Argentina, o Brasil. Nesses momentos, acho que é muito importante fazer referência à Argentina, porque eu sou muito confiante no Mercosul, continuo muito confiante no Mercosul. Um país que tem o potencial da Argentina, como um país que tem o potencial do Brasil, assim como dos nossos sócios do Mercosul, não vai estremecer a nossa confiança só porque há um ou outro desaguisado momentâneo, que não é fruto da decisão, propriamente, do governo, mas de imposições súbitas do mercado.

Certamente, um país como o Brasil, porque acredita na competição, não vai fechar as suas portas. Vai continuar importando, até para poder

controlar a inflação. Um dos elementos fundamentais do controle da inflação, no Brasil, foi a comparabilidade de preços. Isso vai continuar a existir. A confiança nos fluxos de comércio tem que ser mantida, de qualquer maneira, porque isso é o mundo de que nós precisamos, que nós desejamos. É um mundo de maior oferta, de maior competição.

Dentro dessa visão e vendo, agora, a implementação disso, na área da telefonia, junto-me àqueles que têm rendido as homenagens devidas à Anatel, pela rapidez com que ela conseguiu se impor, como agência reguladora. Dentro dessa visão, tenho certeza de que mesmo os efeitos eventualmente perturbadores, da diminuição do valor do Real, não vão se constituir numa cadeia que vá reacender a inflação.

Isto é o passado. Quando há mudança de um preço, é claro que isso afeta outros preços – mas, naquele momento. Como se diz – já se falou em inglês – um inglesinho é permitido: *once for all*. Aumento, só uma vez, sem realimentar a cadeia inflacionária.

Nós vamos enfrentar quaisquer tentativas de volta ao passado com tranquilidade e confiança. Não no espírito regulamentador, controlador da burocracia, mas no espírito competidor, regulador, pela escolha do consumidor e pela oferta, que vai ser mais abundante.

Ontem, aqui, na sala ao lado, tive o prazer de receber representantes da indústria de produtos de alimentação, de produtos de limpeza, de supermercados, de atacadistas. E todos vieram dizer o quê? Aliás, repetiram diante da imprensa. Vieram dizer que não há condições para manter preços altos, que esses escândalos que se fazem – de repente – por preços altos, são ilusórios, porque a competição existe e porque a oferta está sendo abundante, sobretudo de produtos agrícolas. Portanto, temos condições positivas para evitar os efeitos maléficos da desvalorização do real. Há que beneficiar-se dos que não são maléficos, certamente.

A exportação há de ser prestigiada, não por ação específica de medidas protetoras, mas porque, havendo a modificação no câmbio, há muitas oportunidades de expansão da exportação. E os brasileiros devem ver que a nossa agricultura vai florescer. Isso não é ameaça à agricultura de ninguém em outros países, porque nós somos complementares em muitas áreas. Continuaremos importando trigo da Argentina,

como é natural, assim como o petróleo. Assim como faremos em outras matérias, assim como importaremos produtos manufaturados, porque, hoje em dia, as empresas são complementares. Uma peça se faz aqui e outra se faz acolá.

Então, acredito que haja, realmente, condições da manutenção de um clima que não pode ser senão o de confiança e de continuidade nas expectativas positivas de que as coisas avancem para o melhor.

Nós estamos fazendo o possível e o impossível para, dentro das circunstâncias da economia internacional, que são sabidamente difíceis, porque muitas vezes inesperadas, e atuamos com grande rapidez, para nos ajustarmos a essas circunstâncias.

E que ninguém tenha dúvidas do que eu disse há muitos anos, quando assumi o Ministério da Fazenda – não tantos assim –, quando era presidente o Doutor Itamar Franco. Assumi um país em situação muito precária e trabalhei muito para que ele voltasse a ser um país promissor. Naquele momento, a dificuldade era imensa e havia muita descrença de que nós pudéssemos vencer a inflação – muita descrença. Eu ia à televisão e ao rádio todo dia para dizer – e aqui há testemunhas disso –, para mostrar ao País que havia um caminho, que havia um rumo. E nós fomos reorganizando este país e conseguindo vencer a inflação. Ninguém acreditava. Depois, viu-se que o País, realmente, uma vez tendo determinação, se rearranja, encontra um rumo.

Naquela ocasião, tive a difícil tarefa de ir ao Congresso Nacional – eu era Senador, o que facilitava, embora acumulasse o Ministério da Fazenda. Acumulava, não. Era o Ministro da Fazenda. Fui pedir que o Congresso cortasse pela metade o Orçamento da República. Ele cortou pela metade.

Agora, nós repetimos isso. O Congresso foi de uma presteza enorme, ao aprovar um orçamento que embute na lei um superávit primário muito elevado. Não tenham dúvidas: a execução desse orçamento vai ser estrita. O Governo vai apertar o cinto e cortar o que for necessário para manter a economia avançando, para permitir que a população não pague o preço desse ajuste, de maneira cruel, pois as finanças públicas é que são responsáveis, em grande parte, pela situação atual – e não o setor privado ou o povo.

Não terei a menor dificuldade em fazer cortes porque tenho convicção, porque acredito no País, acredito no povo e sei que, ao tomar medidas drásticas no Orçamento, que podem contrariar um ou outro interesse político, uma ou outra decisão burocrática ou até mesmo algum interesse privado vinculado, legitimamente, a essas decisões, saberei avaliar qual é a consequência dos cortes. É uma consequência benéfica para que mais rapidamente possamos ter a economia funcionando outra vez a pleno vapor e reganhando as taxas de crescimento, que, como disse, em artigo recente o Antônio Barros de Castro, estão reprimidas. Portanto, mesmo sem novos investimentos, há condições de expansão, porque há uma capacidade produtiva já instalada no País.

E já foi dito aqui, pelo representante da Canbrá, algo muito importante: é que, ao fazermos, como estamos fazendo, esses investimentos na telefonia, vamos dar oportunidades também para investimentos na produção de componentes que são utilizados pela telefonia. Componentes que, antes, mais facilmente seriam importados, serão fabricados aqui. E tecnologia existe. Capacidade produtiva existe. Portanto, isso será também mais uma possibilidade de oferta de empregos e de adaptação rápida do Brasil às novas condições.

Quero felicitá-los, agradecer a presença de todos e dizer que quantas mais solenidades eu possa fazer para dizer da minha crença no País e para ver que essa crença está apadrinhada por recursos concretos que estão entrando, mais as faremos nesta sala. E vou fazer muitas solenidades deste tipo nos próximos anos do meu mandato.

Muito obrigado.